



## **Violência mitoeconômica e a urgência do testemunho cristão**

*Mythic-economical violence and the  
urgency of Christian witnessing*

**Elton Luis Sbardella<sup>[a]</sup>, Clélia Peretti<sup>[b]</sup>\***

<sup>[a]</sup> Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, PR, Brasil

<sup>[b]</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil

---

### **Resumo**

O presente artigo desenvolve uma reflexão acerca do tema violência aplicado à realidade econômica da sociedade. O sistema econômico dominante na atualidade procura ludibriar as pessoas na forma como estas vendem sua força de trabalho, fazendo-as aceitar os métodos abusivos de exploração do trabalho, violentando o sentido mais fundamental do trabalho, que é a relação que o ser humano estabelece com a natureza e a partir dela produz meios e sentidos para a própria existência. A ilusão produzida no sistema capitalista assemelha-se às narrativas míticas nas tribos primordiais

---

\*ELS: Mestre em Teologia, e-mail: elltonsbardella@gmail.com

CP: Doutora em Teologia, e-mail: cpkperetti@gmail.com

que camuflavam pelos ritos sacrificiais a violência sobre as vítimas escolhidas para imolação, conceito este desenvolvido por René Girard ao tratar do desejo mimético (imitativo). O próprio sistema capitalista é mimético na busca desenfreada pelo lucro, investindo violentamente na tomada de posse do resultado da produção, alienando os trabalhadores, donos da força de trabalho. Neste contexto se inserem a fé e a missão cristã de denunciar a violência e superar os discursos legitimadores da violência econômica, partindo da própria Escritura Sagrada, que é defensora das vítimas injustiçadas e desautoriza a violência obscurecida pelas narrativas míticas e seus discursos correlatos conforme a reflexão girardiana.

**Palavras-chave:** Violência. Mito. Economia. Desejo mimético. Fé cristã.

### **Abstract**

*The present article develops a reflection about the theme violence applied to the economic reality of society. The economic system seeks to deceive people about how they sell their labor force, making them accept the abusive methods of exploiting labor, violating the most fundamental sense of work: the relationship that the human being establishes with nature and from it produces means and meanings for existence itself. The illusion produced in the capitalist system resembles the mythical narratives in the primitive tribes that camouflaged by the sacrificial rites the violence on the victims chosen for immolation, a concept developed by René Girard in dealing with mimetic (imitative) desire. The capitalist system itself is mimetic in the unbridled search for profit, investing violently in taking possession of the result of the production and alienating the workers, owners of the work force. In this context, the Christian faith and mission is inserted in denouncing violence and overcoming the legitimating discourses of economic violence, starting from the Sacred Scripture itself, which is an advocate of the victims of injustice and disavows the violence obscured by the mythical narratives and their related discourses according to Girardian reflection.*

**Keywords:** Violence. Myth. Economy. Mimetic desire. Christian faith.

## Introdução

A violência acompanha o ser humano desde sempre e, a cada tempo, ela se manifesta de forma e circunstâncias diferentes. Não é difícil identificar uma ação ou situação violenta, porém conceituar violência é muito mais difícil, visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependendo da cultura, do momento e das condições nas quais ela ocorre.

O presente artigo tem por objetivo apresentar a violência mitoeconômica a partir da perspectiva de René Girard (1923-2015) e refletir sobre a urgência do testemunho cristão. Há uma violência no mundo atual que se estende ao âmbito das relações com a criança, o adolescente, o adulto e o idoso. Uma violência que se desdobra para a natureza, para o cosmo, atingindo o ar e a água. Em qualquer lugar do planeta a violência do ser humano deixa marcas, nele mesmo e nas relações com os demais e com o próprio planeta.

A busca pelo significado do que é a violência no século XXI, principalmente nos últimos anos fez emergir a percepção de uma imposição mitológica sobre o entendimento dos mecanismos geradores da violência. Grupos têm se levantado em diferentes lugares do mundo e intensificado as ações violentas: oposição armada a governos e padrões culturais, os grupos terroristas, as investidas governamentais contra os direitos sociais e a legitimação de um discurso de violência contra a imigração, por meio da exclusão social. Sob a égide do mercado financeiro desperta novamente uma agressividade do mercado que exige o lucro e, para tal a aceitação do prejuízo pela massa de pessoas como pré-requisito para ela estar inserida no sistema financeiro, o prejudicado é iludido de que essa é a opção para superar problemas econômicos da sua nação, por exemplo.

A natureza, as populações empobrecidas, as soberanias nacionais ameaçadas precisam, segundo o discurso explorador, aceitar que essa é a forma como funcionam as relações humanas sob o controle do capital, é preciso aceitar que é assim. Para tanto, é necessário por parte do sistema capitalista o convencimento das pessoas do deixar-se violentar, com mecanismos próprios, que fazem remeter às formas presentes nas narrativas míticas da história da humanidade, conforme nos aponta René

Girard. Exemplos de uma legitimação “sacra” da violência são os mitos gregos, entre eles *Édipo Rei*, que legitima e escamoteia a condenação violenta do personagem Édipo. Este e os outros mitos escondem a violência e, com isso, ajeitam e propiciam o seu funcionamento.

As literaturas antropológicas e filosóficas no tocante à interpretação das religiões (em especial as primitivas) demonstram esse esforço em dar razão à violência e a mesma ser reconhecida e aceita pelo violentado. Os mitos, em sentido amplo na história da humanidade, tinham por função narrar e construir sentido na realidade, explicar algo. Hoje, em sentido comum, o mito está também associado a algo que não é verdade, está associado a uma mentira.

## Violência mitoeconômica

Sob a perspectiva girardiana de compreensão da função do mito<sup>1</sup> podemos explicar o fortalecimento de discursos de violência nas sociedades contemporâneas e, também, o ressurgimento de ideologias de exclusão e desumanização acompanhadas por uma imposição político-cultural. Vivemos uma nova e mais cruel fase do sistema capitalista, uma nova desordem mundial: para poucas pessoas lucrarem, a destruição de soberanias e direitos sociais é um pré-requisito, uma exigência, na verdade. Formalmente, quem puder mais padecerá menos, e isso vem acompanhado de uma desconstrução do senso de humanismo<sup>2</sup>.

Em diversas partes do mundo há uma ebulição de neofascismos, de discursos de ódio e descaracterização do direito básico de sobreviver. Emerge a polarização das posturas e opiniões face à imigração dos povos asiáticos e africanos para a Europa, influenciando as decisões políticas e

---

<sup>1</sup> Sobre a gênese dos mitos e rituais conferir o capítulo quarto da obra de René Girard, *A Violência e o Sagrado*, publicada em 1972.

<sup>2</sup> “Outro longo e mortal jogo começou. O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o nihilismo”, escreve Achille Mbembe. E faz um alerta: “A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a nova ameaça para a civilização”. (MBEMBE, 2017, não p.).

as eleições presidenciais, como na Inglaterra e na França em 2016 e 2017 — uma demonstração de autoritarismo com discurso liberal. A Faixa de Gaza, por exemplo, continua controlada e oprimida pelas autoridades israelenses; a perseguição e morte de negros, principalmente nos EUA, segue intensa. Os conflitos sociais estão reforçando cada vez mais os preconceitos raciais, religiosos, sexuais de forma patológica.

Percebemos um levante odioso das classes dominantes na América Latina, ataques político-sociais das elites contra qualquer empoderamento do trabalhador e um ostensivo combate aos governos populares de esquerda que em sua maioria se propuseram a superar ou ao menos amenizar as desigualdades sociais. Esse embate está provocando crises políticas e econômicas muito graves, alimentadas por um retrocesso cultural. Exemplos disso são o Brasil e a Venezuela, onde há disputas das classes dominantes pelo controle do Estado e de seus recursos públicos.

No Brasil há um intenso processo de desmonte do projeto de um Estado de bem-estar social. Incute-se via meios de comunicação oficiais (televisão e jornais impressos tradicionais) que relativizar direitos conquistados para o trabalhador significa salvar a economia e o emprego — um ardiloso discurso denunciado pelas mídias alternativas, principalmente via internet. Formou-se um ambiente social de coações — fala-se em modernização trabalhista na qual insinua-se dissociar direito e trabalho. A representação política (legislativa federal, principalmente) foi eleita em 2014 e adestrada por grupos econômicos para subjugar a grande massa da mão de obra trabalhadora e convencê-la por um discurso moralista contra a corrupção a recolocar as “correntes escravagistas”.

Há uma violência explícita, nos discursos e ações do atual chefe de Estado e de Governo, colocado no poder sob meios notoriamente duvidosos, que dita que modernizar, superar crises é aceitar ser “sangrado, sacrificado”, aceitar ser violentado na educação formal (restrição de disciplinas no ensino fundamental e médio), na aquisição da sobrevivência (reforma trabalhista de desregulamentação, como o princípio do negociado sobre o legislado) e na garantia mínima de auxílio financeiro na idade avançada com a proposta de reforma da previdência.

Em todos estes exemplos há um dinamismo de ocultamento da verdadeira realidade que os discursos querem instaurar, há uma leviandade,

um escamoteamento do sentido cruel da violência. Constroem-se narrativas com a finalidade de dar sentido e veracidade àquilo que se deseja impor na consciência das pessoas, a pós-verdade<sup>3</sup>. Temos assim um processo de legitimação da violência baseado em um incontrolável desejo de posse do bem comum sob a tentativa de narrar os fatos de forma obscura e fundamentar qualquer tipo de ataque à dignidade humana.

### **Mito, desejo mimético e capitalismo**

Para Girard, conforme apresentado na obra *A Violência e o Sagrado* (1972/1990), os mitos são as formas de obscurecimento da violência presente nas relações humanas dos grupos primitivos. Estes, por sua vez, resolviam seus conflitos por meio de ritos sacrificiais, com o sacrifício de uma vítima escolhida e culpabilizada a partir dos problemas grupais. A vítima sacrificada e divinizada era tida como solucionadora de determinados conflitos. A vítima a ser sacrificada era indicada pela unanimidade de um grupo, que a apontava como a culpada pelos problemas da tribo e pelos conflitos entre as pessoas. O grupo, dominado por uma violência recíproca — de todos contra todos — e diante do perigo de se destruir, direciona seu ímpeto, seu furor sobre um único ponto, a vítima. O impulso da violência nasce da limitação não reconhecida, ou propositalmente ignorada em lidar com as formas próprias de interpretar a realidade e desejar as coisas. A violência tem origem na forma de lidar com o desejo; mais propriamente, na imitação daquilo que está no outro ou que no outro reflete a própria condição. Este é o desejo mimético.

Para René Girard, o desejo mimético é a teoria sobre a forma como aprendemos a direcionar os nossos desejos. Segundo essa teoria, o *locus* de nosso desejo é o outro ou aquilo que o outro possui: quanto mais uma pessoa valoriza algo de si ou algo que possui, mais desperta no outro

---

<sup>3</sup> Na definição britânica, “pós-verdade” é um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Não seria então, exatamente, o culto à mentira, mas a indiferença com a verdade dos fatos. Eles podem ou não existir, e ocorrer ou não da forma divulgada, que tanto faz para os indivíduos. Não afetam os seus julgamentos e preferências consolidados (PRIOLLI, 2017, não p.).

o desejo por aquilo que é do outro. Assim, nasce o desejo mimético. Os seres humanos, ao desejar algo, imitam os outros.

Uma das peculiaridades dos estudos girardianos para o contexto do século XX é o desnudamento do caráter ilusório no modo de compreender a forma como se dá o desejo humano. Segundo Girard essa é a *mentira romântica*<sup>4</sup>. Com base no pensamento romântico, a mentira romântica compreende que nosso desejo não se baseia no outro; as pessoas desejam de forma autônoma, ou seja, as nossas vontades e projetos estão assentados única e exclusivamente em nós mesmos. Nossos desejos são originais; não imitamos nem queremos o que os outros querem. Girard, na obra *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961/2009), enfatiza que esse é o engano que está na base da pretensão de autonomia completa do sujeito, suficiente a si mesmo e capaz de lidar por si só com a realidade que o cerca. Aqui reside um dos maiores enganos e é onde o ser humano se deixa iludir. Na atualidade o maior dos mitos acolhidos como dinâmica das relações humanas é a absolutização do desejo de consumo.

Segundo Girard, o desejo imitativo é o que gera os obscuros ciclos de violência entre os seres humanos. O desejo imitativo incompreendido e mal direcionado é o germe da violência<sup>5</sup>. Quando duas ou mais pessoas desejam as mesmas coisas e um procura apropriar-se e impedir que o outro se aproprie temos as tensões, os conflitos que marcam a convivência humana. De acordo com René Girard, esta é a base da violência presente na história da humanidade desde os primórdios. O autor discute este tema na sua obra *A Violência e o Sagrado* (1972).

Os grupos primitivos desenvolveram mecanismos sacrificiais onde uma vítima é escolhida para ser sacrificada a fim de apaziguar os ânimos de um grupo. A estrutura, a fundamentação da escolha e imolação da vítima expiatória é garantida pela forma de compreensão e vivência do Sagrado das

---

<sup>4</sup> *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* é o primeiro livro publicado por René Girard em 1961, que trata do desejo mimético (ou desejo triangular), sob a análise de cinco autores, Cervantes, Stendhal, Proust, Flaubert e Dostoiévski, os quais, segundo Girard, desnudam em suas tramas o caráter mimético do desejo e não se rendem ao romantismo.

<sup>5</sup> Importante ressaltar que o desejo mimético não é somente lugar de conflito. É por ele que nós nos desenvolvemos, desenvolvemos nossa linguagem, criamos e estabelecemos a cultura. Para Girard a *mimesis* do desejo é condição sine qua non para a existência das relações humanas. No presente artigo destacamos que o errôneo direcionamento do desejo mimético é causa de violência.

comunidades primitivas sob os diferentes e complexos ritos religiosos, que exigem desde animais a seres humanos para o sacrifício. O caráter essencial da eleição de uma vítima é a marca da culpabilização: aquele que será sacrificado precisa de alguma forma ser responsabilizado pela desagregação do grupo e, por isso, pagar por esse crime. Isso explica a existência dos códigos de comportamento e a diferenciação entre os indivíduos nas tribos primitivas; quebrar essas regras significava trazer um mal ao grupo.

Os mitos nas sociedades primitivas tinham por função legitimar a violência. Na atualidade os discursos econômicos também utilizam de linguagem mítica para legitimar as exigências sacrificiais do sistema capitalista: quem se submete à produção e ao consumo está inserido na realidade perfeita de um mundo feliz baseado no poder de compra; quem rejeita o viés exploratório acumulativo torna-se inimigo de uma pretensa evolução da humanidade, que se daria pela produção e acesso aos bens de consumo.

No discurso contemporâneo sob o prisma das relações sociais da produção e do trabalho na sociedade capitalista, o critério para que o indivíduo se desenvolva e seja reconhecido é a capacidade de produção. Produzindo, o indivíduo é capaz de mostrar sua capacidade de estar integrado ao sistema capitalista. Para tanto, o indivíduo que trabalha deve se submeter ao modo como operam as relações de produção: dispender sua força de trabalho e seu tempo, receber um salário por ter produzido, assumir o ritmo e as exigências do modelo de produção e aceitar o discurso de que são os meios de produção por meio de seus proprietários que lhe propiciam tal oportunidade, como tecnicamente observamos que é.

Contudo, o sistema de produção capitalista não quer apenas produzir, mas o que quer antes de tudo a fim de que exista a produção de bens é a força de trabalho da pessoa, força que pertence ao sujeito. Por sua vez, o indivíduo quer ganhar algo com a venda da sua força de trabalho, para poder sobreviver e não estar fora da sociedade de consumo. Temos algo de mimético nisso tudo, principalmente vindo das forças controladoras e manipuladoras do capital — leia-se: os conglomerados de negócios, as empresas multinacionais, etc. Elas desejam aquilo que não têm, ou têm pouco: a força de trabalho, sem a qual não pode haver produção. A esse propósito cabem algumas questões: o que seria dos meios de produção sem a força de trabalho? Seriam ineficazes? Estes precisam da força de trabalho,



mas uma força despotencializada sob o olhar dos proprietários originais, os trabalhadores; esta força precisa ser enfraquecida no tocante à consciência do trabalhador, para ser tomada de assalto sem o espanto da vítima. Com a convivência dela, a força da produção precisa estar sob controle, o que muitas vezes, ou sempre, se afirma pelo discurso legitimador da exploração, ou pela própria exploração condensada em ritos legitimadores (analogamente aos ritos sacrificiais das comunidades primitivas).

Deste modo, afirma-se que a aquisição de bens pessoais para a sobrevivência individual depende do trabalho alienado, da venda da força de trabalho, e o trabalho só acontece via meios de produção com a venda da força de trabalho. Isso quer mostrar que não há trabalho fora do sistema capitalista, pretensamente. É preciso mostrar ao trabalhador que depende dele se dar bem ou não na linha de produção, ou ainda que se um indivíduo singularmente se opõe à forma de exploração da mão de obra, outros querem estar no lugar dele. Com base nesta afirmação cabe outro questionamento: hipoteticamente, se nenhum trabalhador quisesse mais vender sua força de trabalho, como ficariam os meios de produção e seus proprietários?

Vivemos a era de um avanço voraz do capital sobre as pessoas e a natureza. O grande capital exige a subserviência do trabalhador. Questionar as formas de produção no atual momento da história está se tornando ofensivo à aquisição de lucros; direitos de seguridade ao trabalhador são rotulados como marca de quem não tem interesse em trabalhar seriamente, mitologiza-se (em sentido girardiano) que trabalhar corretamente é aceitar os jugos da escravidão. Faz-se assim a cosmetização do discurso neoliberal para ser aceito e engolido, sem uma verdadeira “digestão”. Isso demandaria uma análise acerca dos efeitos que esse discurso está provocando e o que está sendo aceito e como está sendo aceito. Deparamo-nos com um choque mundial entre as conquistas democráticas e o capitalismo.

A violência se manifesta na forma de impor um pensar superficial, a fim de que não se perceba a existência de fundamentos mínimos de garantia da dignidade humana, fundamentos que não podem ser negociados ou relativizados (por exemplo, a Carta dos Direitos Humanos, as leis constitucionais do trabalho). Há nações que retrocedem nos direitos humanos da educação, nas conquistas dos direitos do trabalho e da previdência social. Estas nações não estão evoluindo culturalmente

e economicamente; pelo contrário, alimentam a monstruosidade exploratória do capital que consome as pessoas e o planeta, e colocam em dúvida as conquistas liberal-democráticas. Este fenômeno coloca em suspenso uma base racional: o existir do homem e da mulher não é apenas *estar* no mundo, mas *estar com*: com o outro, com as normas mínimas de preservação da vida, com os direitos legais previstos por cada nação, com a natureza, com as garantias sociais.

Um dos momentos mais evidentes do processo de mitologização da violência é o uso da informação: por um lado, temos grupos detentores da informação e do conhecimento que viabilizam a reflexão crítica; do outro, temos conglomerados midiáticos empenhados — como no contexto mítico — em obscurecer a horda violenta que recai sobre cada indivíduo, para que este não reconheça a violência, não a denuncie e não reconheça as injustiças, deixando de apontar para aquilo que o mercado financeiro exige: o lucro sem qualquer limite. O sistema capitalista está a demonstrar novamente suas entranhas violentas. Ele é desordenado, ansioso pela produção, não controla seus desejos.

O capital financeiro é um irascível desejo mimético, que não reconhece, mas sabe das implicações da concretização desregulada da compulsão pelo lucro. Ele quer o que é do outro; não só do indivíduo singularmente, mas do ser humano (sua força de trabalho, sua razão e sua subserviência). Quer o cosmos, natureza, e o quer para si somente, sem a noção da partilha. Ignora-se o fato da pertença planetária — a Terra, para ser de alguém, precisa ser de todos, para que todos a mantenham, a cuidem, a entendam, a desejem sadiamente.

Essa incontrolável ânsia de possuir, manifestada nas grandes corporações mundiais, é um reflexo da *mimesis* do desejo. O desejo mimético na Sagrada Escritura é tratado de forma muito peculiar, segundo René Girard.

## **Violência, desejo e fé cristã**

Na obra *Eu via Satanás cair como um relâmpago* (1999/2012), Girard assegura que a Bíblia é o único texto sagrado em que, apesar de ainda estar marcada a sua construção literária pelo desejo mimético, seus autores se

esforçam por evidenciar o ciclo mimético de violência. O Deus de Israel é defensor da vítima diante de seus acusadores; Deus não exige sacrifícios, mas ações de justiça e corações renovados (Oséias 6,6).

Os autores da Sagrada Escritura são denunciadores da violência e escrevem de forma a denunciar e jogar luzes sobre ela, diferente dos mitos cujos enredos estão estruturados em função de escamotear, camuflar a violência e dar razões para que uma vítima seja condenada para apaziguar e satisfazer os ânimos violentos, a sede de vingança de um grupo. A Bíblia é um escrito religioso diferente no tocante a violência (GIRARD, 2012, p. 155-176).

Os textos bíblicos ainda são marcados pelo ciclo mimético da violência (crise, eleição da vítima, imolação-sacralização), mas há uma interferência na descrição dos acontecimentos e na postura da vítima, bem como a ação da divindade em relação a ela. Para Girard (2012, p. 160-170), um exemplo disso é a saga de José do Egito, no livro de Gênesis entre os capítulos 37 e 50, que, humilhado e vendido pela inveja dos irmãos, é descrito pela Bíblia como sendo castigado e inocentado. José é acusado de adultério e preso, mas ganha estima dos colegas e se torna administrador do Egito.

Ainda no livro de Gênesis, no capítulo 22, temos o sacrifício de Isaac, que recorda a permanência da cultura dos sacrifícios humanos mesmo dentro do povo escolhido por Deus, e a superação destes. Esse episódio bíblico é o exemplar do assassinato que está na base das culturas, o *assassinato fundador* que origina as culturas e sociedades e os ritos sacrificiais o repetem. Esse tema é desenvolvido pelo autor na obra *Coisas ocultas desde a fundação do mundo* (1978/2008).

A marca da violência gerida no conflito desencadeado pelo desejo mimético aparece na codificação das relações entre os hebreus em Êxodo 17, principalmente o último dos dez mandamentos. Do sexto mandamento em diante há uma lista de proibições de ações e o décimo mandamento proíbe um desejo (cobiçar): não cobiçarás os bens alheios, a mulher, a casa, os animais, etc. No Novo Testamento, especificamente nos Evangelhos quando relatam a crucificação (Lucas 23), a superação da violência através da denúncia da mesma acontece em Jesus Cristo; o ciclo mimético da violência é quebrado na cruz.

No Novo Testamento a Cruz é a armadilha de Deus para Satanás, o acusador, o incitador da violência — é ele que se atravessa nas relações

humanas, confunde o ser humano e suas relações e promove a adversidade. Na Cruz a violência é denunciada, Satanás é desmascarado. Satanás é para Girard o próprio ciclo mimético de violência. Jesus é condenado pela turba violenta misturada à multidão que exige uma vítima para ser responsabilizada diante de uma sociedade marcada pela exploração, pelo domínio do sagrado sobre as consciências. Jesus se opõe à investida do templo (Jo 2,13-22; Mt 24,1-2) contra os pobres e excluídos, contra o domínio de mentes e corpos pela codificação da lei mosaica; ele mexe no “ordenamento social”, algo que o criminaliza para a sociedade judaica, pois ele desconstrói os ciclos de violência e de enganos sobre o povo. A mesma sociedade que repudiava a presença dos invasores romanos era a que procurava manter a boa relação com os mesmos invasores e desagradá-los o mínimo possível, para que sua estrutura social e suas lideranças locais se mantivessem no poder e controlassem o povo.

Assim, o templo de Jerusalém era representativo no tocante à simbologia religiosa, política e econômica de diferenciação dos níveis sociais. Jesus desautoriza esse controle de exploração das autoridades religiosas e políticas que usavam o templo para oprimir. Jesus é a vítima justificada; ele carrega a culpa, é imolado, mas a violência não é justificada. Seus algozes são questionados; o sacrifício dele na cruz, longe de ser unanimidade, é um complô das autoridades judaicas e a ressurreição não aquieta a tensão, mas a promove mais ainda — uma vez a vítima morta, ela produz anunciadores de sua presença viva. A imolação da vítima não resignou o grupo social, mas o despertou. Jesus morre, sai da vida corporal-material, mas continua sua permanência entre os seus seguidores. Cada um que o conheceu não deixa sua memória e presença extraordinária se apagarem.

## **A missão cristã no século XXI**

O que significa ser cristão na atualidade? Ser cristão em pleno século XXI significa ser herdeiro da tradição cristã (teologia, liturgia, eclesialidade, etc.), ser membro de uma numerosa família de salvos e redimidos pelo sacrifício redentor de Jesus Cristo na cruz. É ser seguidor de Jesus de Nazaré, o Cristo, redentor da humanidade, e que durante sua vida ensinou

e alertou para libertação do pecado, ensinou que devemos ser humildes e respeitar a todos. É assumir a mesma atitude de Jesus, líder profético da Galileia que acolhia a todos, não desprezava os pequeninos e excluídos, andava com prostitutas e pecadores, falava de um reinado de Deus, onde todos eram iguais, insistia em um Deus diferente das leis religiosas de seu tempo, um Deus que habitava em cada um e não somente no templo, e que tratava os seres humanos como filhos, agia e sentia como um Pai.

Os Evangelhos mostram Jesus defendendo as pessoas, curando-as, retirando os estigmas sociais sobre o pecador, que segundo a lei e a cultura sofriam ou adoeciam por causa de seus pecados ou devido ao pecado de seus pais. Jesus, assim como o Deus de Israel, não está na origem da violência, não é excludente, não justifica a opressão, mas se opõe a ela. Jesus manifesta preferência aos pequeninos e marginalizados (Mc 2,13-17; Mt 9,1-7;11,19;25-30) e é combativo frente aos poderes religiosos e políticos. Segundo os evangelhos, Jesus não se curvava à legitimação das violências sociais e religiosas de seu tempo. Ele pregava e ensinava a paz, a paz que nasce das justas relações de ser novo homem e nova mulher.

## **Considerações finais**

A missão do cristão no contexto do século XXI está perpassada pelo seguimento incondicional do pensamento e das atitudes de Jesus de Nazaré. Isto implica a superação da visão sacrificial das relações humanas. Mesmo que a religião cristã ainda mantenha aspectos linguísticos e teológicos da mentalidade sacrificial dentro dos parâmetros e sentidos próprios, é segundo Girard a fé cristã a única, como religião, a abrir-se à superação da legitimação mitológica violenta contra a vida humana. Jesus é o primeiro a desmascarar integralmente a violência; ele não deixou que a justificação ideológica de sua condenação se consolidasse como unânime e sacra, mas quebrou a lógica da violência mimética com sua ressurreição, com o anúncio de sua presença entre os que o seguiam, por meio dos discípulos.

Em Jesus verificamos a repetição do mecanismo vitimário, que elege, acusa e imola a vítima. É a violência própria das culturas, que no Evangelho de João René Girard destaca, na passagem de João 11,50: “Nem considerais

que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação” e, a denomina como a *mentira de Satã*. A condenação e morte de Jesus não trazem o apaziguamento, pois o próprio relato da paixão mostra que a violência contra Jesus não é unânime: um grupo dos seus se insurge contra a crucificação e anuncia que foi erro do povo, induzidos pelas autoridades judaicas. E ainda mais: declaram que Jesus vive, que ele ressuscitou, que Deus o fez retornar à vida, que não foi vontade de Deus sua morte, que quem o acusou e condenou, na verdade, errou. Jesus na cruz é uma vítima (um bode expiatório) que direciona a atenção para o acusador: Satanás. A cruz não resolve o problema da violência; ao contrário, produz outro problema para os acusadores: qual o motivo da imolação da vítima? Os Evangelhos denunciam pela paixão de Jesus o engano mitológico. A tarefa primordial dos cristãos é não se submeter e não se calar diante dos enganos e acusações que imolam vítimas diariamente.

O capitalismo, na sua original ânsia pela valoração monetária de tudo e todos, é campo de missão do seguidor de Jesus, em uma cruzada contra a violência legitimadora da opressão. Não só no sistema financeiro, mas em tudo o que gera motivações legitimadoras de violência a pessoa de fé precisa ser um missionário da justiça, da paz e da misericórdia. O despertar monstruoso de uma era de produção sem moral e ética é o sinal do choque já em andamento entre o ser humano e o mau uso da capacidade de interação e manipulação da natureza, onde reside o pecado original (não conviver com a beleza e fartura do paraíso, mas querê-las individualmente somente para si).

Nos Evangelhos Jesus defende os pobres e excluídos, que são vítimas da estrutura social; nisso a fé cristã tem sua base para a preocupação com as vítimas e injustiçados da história, indo além de uma solução para as rivalidades miméticas, mas propondo uma restauração das vidas destinadas ao sacrifício. É a retomada do princípio fundamental e original: a centralidade da defesa da vítima.

Somos arautos e profetas do mais alto grito contra a violência exploratória mitologizada do discurso capitalista exploratório. Como a Cruz de Jesus aponta a violência de Satã, precisamos com o testemunho das Igrejas retumbar pela voz e ação a misericórdia e solidariedade contra qualquer violência ao outro e ao planeta. A consciência cristã é a consciência que não assimilou a legitimação da violência, da ilusão da vida

humana sobre os mandamentos do capital. O cristão recusa a apropriação do trabalho por alguns sobre muitos. O cristão trabalha e produz, mas não para praticar violência e exploração, e sim para colaborar com a obra criadora e nela celebrar festivamente seu criador.

## Referências

GIRARD, R. *Violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1990. (Original publicado em 1972).

GIRARD, R. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É realizações, 2009. (Original publicado em 1961).

GIRARD, R. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2012. (Original publicado em 1999).

GIRARD, R. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Original publicado em 1978).

MBEMBE, A. A era do humanismo está terminando. *GGN*, 24 jan. 2017, on-line. Entrevista. Disponível em: <<http://jornalggm.com.br/noticia/a-era-do-humanismo-esta-terminando-por-achille-mbembe>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

PRIOLLI, G. A Era da Pós-Verdade. *Carta Capital*, n. 933, 13 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Recebido: 07/08/2017

Received: 08/07/2017

Aprovado: 21/11/2017

Approved: 11/21/2017